

SESSÕES DO PLENÁRIO

40ª Sessão Especial da Assembleia Legislativa do Estado da Bahia, 8 de agosto de 2019.

PRESIDENTE: DEPUTADA NEUSA LULA CADORE (AD HOC)

A Sr.^a PRESIDENTA (Neusa Lula Cadore): Invocando a proteção de Deus, declaro aberta a presente sessão especial de outorga da Comenda Dois de Julho ao ex-secretário de Cultura do Estado da Bahia, diretor teatral, cenógrafo e figurinista, Márcio Meirelles, nos termos da resolução nº 1.904/2018, proposta pelos deputados Neusa Cadore e Marcelino Galo.

Convido para compor a Mesa: o proponente desta sessão especial, deputado Marcelino Galo; a Sr.^a Diretora-Geral da Fundação Cultural, Renata Dias, que neste ato representa o governo do estado; o Sr. Secretário da Educação, Jerônimo Rodrigues; o Sr. Vice-Reitor da UFBA, professor Paulo Miguez; a Sr.^a Conselheira do Teatro Vila Velha e representante da família do homenageado, Cristina Castro; a Sr.^a Coordenadora do Programa de Formação do Teatro Vila Velha e atriz, Chica Carelli; a Sr.^a Defensora Pública Cynara Fernandes, que neste ato representa o defensor público-geral, Rafson Ximenes; a Sr.^a Fátima Mendonça, ex-primeira-dama do estado. (Palmas)

E agora convido o nosso homenageado, o Sr. Márcio Meirelles, ex-secretário de Cultura do Estado, diretor teatral, cenógrafo, figurinista. Solicito ao Cerimonial que o conduza à Mesa. (Palmas)

(O homenageado é conduzido à Mesa.) (Palmas, muitas palmas)

A Sr.^a PRESIDENTA (Neusa Lula Cadore): Convido a todos os presentes para ouvirmos a execução do Hino Nacional.

(Procede-se à execução do Hino Nacional.) (Palmas)

A Sr.^a PRESIDENTA (Neusa Lula Cadore): Neste ano, a Orquestra Juventude Parqueana do Centro Educacional Carneiro Ribeiro está desenvolvendo o projeto Nordeste Vidas e Cores, ressaltando e valorizando a diversidade da nossa gente.

Então, agradecendo ao diretor e professor Gidean Ribeiro e à professora Paula, nós convidamos o grupo para a apresentação da canção *Anunciação*, de Alceu Valença.

(Procede-se à apresentação musical.)

A Sr.^a PRESIDENTA (Neusa Lula Cadore): Obrigada, Orquestra Juventude Parqueana, pela presença de vocês. Parabéns.

Neste momento, passo a presidência da Mesa ao deputado Marcelino Galo.

(O deputado Marcelino Galo Lula assume a presidência da Mesa.)

O Sr. PRESIDENTE (Marcelino Galo Lula): Bom dia aos nossos companheiros e companheiras.

Registro as presenças das deputadas Maria del Carmen e Jusmari Oliveira e do deputado Jurandy Oliveira.

Passo a palavra à proponente desta sessão para fazer a merecida homenagem ao nosso, daqui a pouquinho, comendador Márcio Meirelles.

Por favor, deputada Neusa Cadore.

A Sr.^a NEUSA LULA CADORE: Mais uma vez, bom dia a todas e todos.

Quero saudar a Mesa e o deputado Marcelino Galo, que se associou ao nosso mandato na proposta desta especialíssima sessão; a Sr.^a Diretora-Geral da Fundação Cultural, Renata Dias; o nosso querido Jerônimo Rodrigues, secretário da Educação; o vice-reitor da UFBA, professor Paulo Miguez; a conselheira do Teatro Vila Velha, queridíssima Cristina Castro; a atriz e coordenadora do Programa de Formação do Vila, Chica Carelli; a defensora pública Cynara Fernandes, que aqui representa o defensor-geral, Dr. Rafson; a nossa tão querida Fátima Mendonça. (Palmas)

E saúdo de forma muito especial o nosso homenageado, Mário Meirelles. (Palmas) Que privilégio! É um privilégio, Márcio, a gente ter esta Mesa com tantas pessoas queridas pessoas, todos vocês que estão aqui. Eu sei que são pessoas muito próximas de você, que têm uma alegria muito grande de estar aqui. Queria lembrar que muitas outras pessoas, de vários territórios da Bahia, certamente estão ligadas a nós e também gostariam de estar aqui.

É um dia muito especial para esta Casa. Estamos vivendo um tempo marcado pelo crescimento do ódio e da intolerância. Então, celebrar a vida e a trajetória de alguém que tem se dedicado integralmente às artes, à defesa da cultura em toda a sua diversidade, ao respeito às diferenças, à democracia, isso em si já é um ato revolucionário.

No momento em que o Brasil atravessa um grave quadro de retrocesso social e nas conquistas de políticas públicas, no momento em que o fascismo tem mostrado a sua face perversa contra todos aqueles que ousam lutar contra o sistema, nós acreditamos que, através da cultura como elemento de resistência e transformação, nós unimos forças para fazer essa travessia.

Vivemos um momento tenebroso de autoritarismo, de perseguição aos intelectuais e aos saberes. Mas eu tenho certeza, nós temos certeza de que a arte tem um papel muito importante na construção do pensamento crítico, na formação de novos olhares e questionamentos da realidade.

Por isso, obrigada, Márcio Meirelles, porque hoje você nos possibilita este encontro, que é tão simbólico e, com certeza, nos reenergiza enquanto força coletiva.

Devo dizer que qualquer tentativa de descrever uma pessoa de múltiplos talentos, reconhecida nacionalmente pelo seu trabalho como artista, como gestor cultural, como militante da cultura, vai ser redundante, tendo em vista o conjunto da sua obra, que é de conhecimento amplo dos presentes.

(Lê) “Mas eu queria tecer algumas considerações, a partir da aproximação que a política nos possibilitou, de maneira muito tão grata e especial.

Conheci Márcio há alguns anos, já na condição de secretário de Cultura do Estado, num momento bastante desafiador, de transição para uma nova concepção de Estado, e com uma das tarefas mais gigantescas do novo projeto político que se desenhava a partir do governo Jaques Wagner. Sempre me chamou a atenção, Márcio, a sua simplicidade, o seu olhar sensível para a diversidade cultural de um estado tão desigual. Ao mesmo tempo, a sua disponibilidade de ir ao encontro do interior, de colocar o pé no barro, como a gente fala no ditado popular, para mergulhar na grande complexidade da nossa Bahia, enfrentando todas as adversidades desse processo.

Estivemos juntos em Pintadas, nas Semanas de Cultura, e em outros vários momentos de construção das políticas culturais nos Territórios de Identidade...” – Márcio sabe disso – “(...) período em que vivenciamos momentos de muita escuta e de elaboração de políticas públicas, a exemplo das grandiosas Conferências de Cultura.

Não temos dúvida de que a sua gestão abriu espaço para a construção de novos caminhos de desenvolvimento, onde a cultura passou a ser vista como dimensão fundamental. E também contribuiu muito para uma maior democratização das políticas que favoreceram o reconhecimento e a afirmação das diversas manifestações artísticas que fazem a Bahia ser tão plural...”

Então, esta Comenda Dois de Julho, neste dia tão especial, é a possibilidade de reconhecer a entrega, a luta, a generosidade e a sua dedicação à construção do desenvolvimento da nossa Bahia, na valorização da nossa gente, sobretudo das matrizes africanas.

Para encerrar, quero recordar Bertolt Brecht.

(Lê) “*A injustiça passeia pelas ruas com passos seguros.*

Os dominadores se estabeleceram por dez mil anos.

Só a força os garante.

Tudo ficará como está.

Nenhuma voz se levanta além da voz dos dominadores.

No mercado da exploração se diz em voz alta:

Agora acaba de começar:

E entre os oprimidos muitos dizem:

Não se realizará jamais o que queremos!

O que ainda vive não diga: jamais!

O seguro não é seguro. Como está não ficará.

Quando os dominadores falarem

falarão também os dominados.

Quem se atreve a dizer: jamais?

De quem depende a continuação desse domínio?

De quem depende a sua destruição?

Igualmente de nós.

Os caídos que se levantem!

Os que estão perdidos que lutem!

Quem reconhece a situação como pode calar-se?

Os vencidos de agora serão os vencedores de amanhã.

E o 'hoje' nascerá do 'jamais'."

Bertold Brecht, *Elogio da dialética*.

Márcio Meirelles, você nos inspira, você nos convoca. E a gente te abraça.
(Palmas)

(Não foi revisto pela oradora.)

O Sr. PRESIDENTE (Marcelino Galo Lula): Agradeço à deputada Neusa Cadore, proponente dessa sessão, pelo seu pronunciamento

Anuncio a presença da Escola Municipal André Rebouças, do bairro de Plataforma. Muito obrigado pela visita. (Palmas)

Passo a presidência à deputada Neusa Cadore.

(A deputada Neusa Lula Cadore assume a presidência da Mesa.)

A Sr.^a PRESIDENTA (Neusa Lula Cadore): Bom dia a essa garotada presente às Galerias.

Concedo a palavra ao proponente da sessão, deputado Marcelino Galo.

O Sr. MARCELINO GALO LULA: Queria cumprimentar todos vocês presentes num dia tão importante, quando fazemos uma homenagem necessária a uma personalidade que contribuiu tanto, na sua luta, na sua trajetória, para o nosso estado e para o Brasil.

Queria saudar a proponente desta sessão, que a preside, a deputada Neusa Cadore, que é a presidente da Comissão de Direitos Humanos desta Casa. Cumprimento a Sr.^a Diretora-Geral da Fundação Cultural, Renata Dias, muito obrigado; o Sr. Secretário da Educação, professor Jerônimo Rodrigues, que neste ato representa o governador Rui Costa; o Sr. Vice-Reitor da Universidade Federal da Bahia, a nossa universidade, professor Paulo Miguez – aproveito para lhe desejar muita força para resistir a este momento; a Sr.^a Conselheira do Teatro Vila Velha, a nossa querida Cristina Castro; a nossa atriz, coordenadora do Programa de Formação do Teatro Vila Velha, Chica Carelli; a Sr.^a Defensora Pública, representando o defensor público-geral, Cynara Fernandes; a nossa querida Fatinha, como eu a conheço, Fátima Mendonça, e o nosso homenageado, conhecido de todos vocês, festejado. Esta sessão começou com muita alegria, muita motivação, porque hoje é o dia de celebrar o nosso Márcio Meirelles.

Então Márcio, ao chegar aqui, nós cumprimentamos as pessoas, e eu cumprimentei o meu companheiro Mapede e perguntei a ele: Tranquilo? E ele me disse: “Tranquilo, não, mas devemos estar serenos, é necessário, é importante estarmos serenos neste momento.”

Mas, hoje, além de estarmos muito serenos, é um momento de alegria, de celebrar. Esta celebração vem num momento crucial da nossa história, que tem a ver com essa trajetória de luta. Ao começar a sua luta pela resistência à ditadura, ao usar todo o seu talento, a sua arte no teatro, na construção desse templo que é o Teatro Vila Velha, que faz parte da história do nosso estado e de todos aqueles que lutaram contra a ditadura. Naquele teatro, Márcio, foi justamente onde nós combinamos esta possibilidade do dia de hoje, no ato de resistência que você convocou para que a gente possa preservar o Teatro Vila Velha. (Palmas) Estava o nosso mandato com o mandato da deputada Neusa, e ali estavam Toni e Bete. Bete, que eu saúdo, e Toni foram incansáveis. Bete estava elétrica por mais de 30 dias, e falava e convocava. Fatinha também. Você é um sujeito de muita sorte por essas mulheres, com toda dedicação, com empenho no sentido de construir esse dia. Hoje é esse dia, apesar deles, “apesar de você”, aqui a gente celebra a sua trajetória.

Nós temos de falar sobre a história do homenageado e parece que foi combinado, a deputada Neusa no seu pronunciamento falou uma parte, mas nós gostaríamos de falar um pouco da sua vida para além de secretário. Foi um interregno, um período muito curto, mas que com todo seu acúmulo foi possível ser o primeiro secretário de Cultura escolhido por um governo popular, democrático, uma escolha bem feita, de forma cirúrgica, com a grande sabedoria do nosso, por duas vezes ex-governador e quem sabe governador de novo, Jaques Wagner. (Palmas)

(Lê) “Em 26 de maio de 1954, chega à Bahia um sujeito fora do normal, que iria ser chamado e registrado em Salvador com o nome de Márcio Meirelles.

Já com os dentes nascidos e crescendo, o que mais gostava era de desenhar e inventar coisas. Pré-adolescente, do nada, começou a escrever contos e peças de teatro. Danou-se a desenhar, a pintar e a fazer artes e vídeos ambientais. Adolescente entra na Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal da Bahia por influência familiar.”

Sua mãe está aqui e eu a saúdo, se ela se recordar...(Palmas)

“(...) Foi obrigado a usar régua e compasso e carregar uma incômoda régua T. Curso começado, réguas e compassos dominados, não completa o curso, mas se engajou definitivamente na luta contra a Ditadura Militar no auge da repressão.

Foi para o que queria, as Belas Artes. Passou a conviver e a viver mais com sua paixão, o teatro. Inicialmente com os grupos universitários que encenavam as peças que ele escrevia, algumas infantis e para espanto inicial e glória futura teve textos censurados.

Mas como diz o saudoso poeta Belchior e como Newton também nos afirmava, o cientista: tudo que nasce no norte cai no sul, na grande cidade. E lá foi ele para o Rio de Janeiro, para onde iam os grandes artistas desta terra, à época capital da cultura do país, trabalhando então com outro que sofreu o efeito também da gravidade, que era José Wilker.

Voltando para a sua terra e incentivado pela vivência com José Wilker criou com sua companheira Maria Eugênia e seus camaradas Jorge Santori e Hebe Alves o Grupo Avelãz Y Avestruz. O objetivo: montar uma adaptação para adultos da peça Rapunzel.

A ideia: implantar um teatro cooperativado, que socializasse as decisões, os custos, as responsabilidades, as ideias estéticas e a construção dos espetáculos.”

Beth me dizia que é preciso realçar que o nosso Márcio é um homem de bando e falar em bando neste momento não é de forma generosa, Márcio, como você organizava o coletivo, era dessa forma.

“(…) Rompendo a tradição do teatro baiano que se baseava no tripé da produção da Escola de Teatro da UFBA, ou amador ou empresarial. Aqui, na proposta do Aveláz Y Avestruz os artistas detinham o controle coletivo dos meios de produção. Não era normal!

O primeiro espetáculo que montaram se chamava *Gregório de Matos Guerra* e falava sobre a construção da cultura e da poesia brasileira, sobre a construção da cidade de Salvador, o que era uma metáfora para falar sobre a construção do Brasil.

Ganhou uma bolsa para ir estudar nos Estados Unidos, conhecer as maravilhas do teatro, da produção cultural, da gestão e trazer as novidades para a terrinha.

Foi muito importante esse período. Concluiu que os artistas americanos... – Viva, Glenn! – (...) faziam as coisas com perfeição, porque faziam teatro para a história, a cultura e o modo de vida deles. Não era normal!

Voltou com uma ansiedade grande e uma vontade inquebrantável de fazer teatro, de criar um teatro da Bahia, na cidade de São Salvador.

Salvador negra. Todo soteropolitano é negro, independentemente da cor da tez. Negra é a nossa fé, negra é a nossa comida, negra é a nossa cultura. Entendendo isso, ele mergulhou no universo da negritude, nos seus movimentos e na sua cultura.

Em 1987, com a vitória de Waldir Pires ele assume a direção do Teatro Castro Alves e foi de fundamental importância para a manutenção do equipamento histórico mesmo num tempo de muitas conturbações e com o equipamento sucateado.

Ao caminhar fez o caminho e no caminho, em 1990, foi concebido com as bênçãos de Oxalá o Bando de Teatro Olodum. Contando com a colaboração e dedicação da atriz Chica Carelli, que aqui está.

O Bando que, além de produzir peças clássicas de teatro como *Zumbi*, *Cabaré da Raça* e *Essa é Nossa Praia*, revelou grandes atores e atrizes para o teatro nacional e para o cinema, bombou de verdade com a famosa *O Paí, Ó* adaptada ao cinema e minissérie da *Rede Globo*.

Enquanto se dedicava ao Bando Olodum teve tempo e não desperdiçou a oportunidade de montar a peça *Sonhos de uma Noite de Verão* dirigindo com o alemão Werner Herzog, um dos maiores ícones do cinema. Não é normal.

Meirelles, o nosso homenageado, o novo comendador da Bahia, faz do teatro sua vida, um instrumento da política para propor mudanças, discussões, reflexões.

Por conta dessa postura e da sua performance como intelectual das artes participa ativamente da montagem das propostas na área da cultura do programa de governo do então candidato Jaques Wagner e após a eleição faz parte e atua com destaque na equipe de transição do primeiro governo eleito pelo PT. Não é normal. O PT ganhar reeleição

na Bahia mesmo com o ceticismo do nosso presidente, do nosso grande Lula. Lula Livre! (Palmas)

Márcio Meirelles é convidado para ser o secretário de Cultura. Rejeita. Não é normal.

Mas na véspera de anunciar oficialmente o seu secretariado, o governador Jaques Wagner, usando do seu exacerbado poder de convencimento, liga à noite para Márcio e quebra suas resistências ao dizer que ele iria fazer na secretaria o que já vinha fazendo no Teatro Vila Velha, só ampliando essa ação para o estado, vejam vocês. Tarefa fácil na cabeça do governador, mas na de Meirelles um monstro de sete cabeças. Não seria normal fazer isso!

Mas Gilberto Gil era o ministro da Cultura de Lula e vinha fazendo uma revolução. Foi conversar com o ministro e Márcio perguntou-lhe: “Como é esse negócio de ser artista e ser gestor público?” Ao que Gil respondeu: “Márcio, você vai ver que é a mesma coisa, estar no palco e estar no Ministério é igualzinho”. Isso não é normal!

E assim, seguiu esse homem organizando a secretaria, distribuindo os recursos nas diversas linguagens e regiões, resultando no mapeamento e desenvolvimento de estratégias que visavam capilarizar os incentivos por todo o estado.

Isso lhe rendeu ácidas críticas do setor que esperava ser o privilegiado na gestão, que era o teatro. Isso não é normal!

Antes de ser secretário, ele é um cidadão que luta pelos seus direitos e se cobra seus deveres.

Levando a sério as recomendações de Gil, como gestor público nunca deixou de ser artista e ouviu do povo do teatro críticas por conta da sua postura de não privilegiar, mas atender, e muito, o teatro.

E como a sorte e Oxalá gostam de que não é normal, Márcio Meirelles dirigiu o primeiro trabalho de Lázaro Ramos no Bando de Teatro Olodum. Anos depois, os dois se reencontraram em uma situação diferente, agora dividindo a direção. Com texto de Aldri Anunciação, *O Campo de Batalha*, apesar de não ter sido planejado dessa forma, aborda uma questão bem atual: a crise hídrica, que na época se abatia sobre aqueles que não tinham se acostumado e nem passado por ela.

Esse ano encenou o espetáculo *Embarque Imediato*, em homenagem ao grande ator do Cinema Novo, Antônio Pitanga e em março desse ano foi agraciado com o título de Doutor Honoris Causa, concedido pelo Conselho Universitário da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), que também passa por graves momentos. Viva, a UFRB!

O Teatro Vila Velha também criou ali, não sendo a mesma coisa, mas a Universidade Livre de Teatro. E o nosso comendador recebeu também, em 1990, o distintivo de cavaleiro da Ordem do Mérito da Bahia.

Assim, essa comenda proposta por mim e pela minha querida companheira Neusa Cadore, e aprovada pela unanimidade desses deputados, porque um deputado só

para propor era insuficiente, mas dois deputados e a aprovação da unanimidade desta Casa é o tamanho de Márcio Meirelles.

Então, finalizando gostaria de repetir uma frase escrita por Márcio numa parede do teatro Vila Velha, sem correções gráficas ou gramaticais: ‘Que nova é boa em tempo como esse?’ Pergunto a vocês. Tempo difíceis.

Por isso viva Márcio Meirelles, viva a cultura, viva a liberdade, viva a democracia!” (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)

A Sr.^a PRESIDENTA (Neusa Lula Cadore): Parabéns, Marcelino, pela fala. E agora eu convido, para uma apresentação cultural, o grupo Black Dance.

(Procede-se à apresentação artística.)

A Sr.^a PRESIDENTA (Neusa Lula Cadore): Na sua gestão como secretário de Cultura do Estado da Bahia, Márcio Meirelles contribuiu para que a escola se tornasse um espaço de efervescência cultural e de transformação social, com a implantação de um conjunto de políticas culturais que foram protagonizadas pela juventude estudantil.

Então, eles fazem parte da homenagem do nosso artista, o Grupo Black Dance da Escola Estadual Elisabeth Veloso, que alinha teatro e dança de rua como forma de expressão social. E nós queremos agradecer, especialmente, à professora Francine Costa. (Palmas)

(Procede-se à apresentação artística.)

A Sr.^a PRESIDENTA (Neusa Lula Cadore): Obrigada ao Grupo Black Dance, da Escola Estadual Elisabeth Veloso. Parabéns pela apresentação.

Dando seguimento, nós vamos agora assistir ao vídeo com depoimentos para o nosso homenageado.

(Procede-se à apresentação de vídeo.)

A Sr.^a PRESIDENTA (Neusa Lula Cadore): Na sequência, convidamos a Sr.^a Arlete, representando o Bando de Teatro Olodum, para também prestar a sua homenagem.

A Sr.^a ARLETE: Bom dia a todos e todas aqui presentes a esta cerimônia.

(Lê) “Quando o estampido da revolução ecoou nos quatro cantos do mundo, e o Olodum expressou o desejo de rufar seus tambores nas trincheiras do teatro, o diretor Márcio Meirelles foi quem se apresentou e colocou suas armas a serviço do fortalecimento da cena negra na Bahia: nascia, então, o Bando de Teatro Olodum.

E as armas que Márcio trazia eram, além do talento, a coragem e a ousadia.

O talento artístico, então já comprovado pela sua brilhante atuação no teatro baiano e brasileiro. O talento como artista/empreendedor, capaz de realizar trabalhos relevantes para a sociedade, ainda que sem patrocínios e apoios financeiros significativos. E, principalmente, o talento em catalisar a força do coletivo para obter a força necessária para realizar.

A coragem de unir-se ao coro negro, cujos cânticos reivindicavam sua justa representação nos palcos da cidade. A coragem de afinar sua voz pelo diapasão da luta antirracista. A coragem de abrir mão dos conhecimentos já adquiridos até então para se permitir ‘afrobetizar’. E, desta forma, estar apto a liderar um grupo de artistas cuja missão foi e é contribuir para o desenvolvimento de uma estética teatral negra na Bahia e no Brasil.

A ousadia em desafiar tudo e todos ao redor, quando preciso, e desta forma fazer o Bando se tornar conhecido até mesmo fora da Bahia e do Brasil: de avião, de ônibus e se fosse preciso até mesmo a pé.

E foi sob a direção segura de Márcio Meirelles que os integrantes do Bando foram preparados para assumir artisticamente e administrativamente o grupo, levando à frente a luta iniciada de forma conjunta há quase três décadas.

E assim o é! Administrado e coordenado atualmente por um colegiado formado por atrizes e atores do próprio grupo, o Bando de Teatro Olodum segue formando novos artistas, realizando espetáculos e cumprindo seu papel nas artes cênicas brasileiras.

O Bando de Teatro Olodum agradece e saúda este grande homem soteropolitano!

Obrigada, Márcio Meirelles! Por sua força junto a nós ao longo de toda a nossa história e toda a nossa jornada!

Evoé, Márcio!

Muito axé, Meirelles!” (Palmas)

(Não foi revisto pela oradora.)

A Sr.^a PRESIDENTA (Neusa Lula Cadore): E, agora, ouviremos a leitura dos textos da Universidade Livre do Teatro. (Palmas)

O Sr. Vick Nefertiti: Bom dia a todas, a “todxs” e a todos! (Lê) “Há lugares que são lar, espaços de afeto bom, de aprendizado, de troca, de proteção e descanso para as durezas da vida, onde há segurança para sonhar e fazer o sonho acontecer.

Pensamos que o Teatro Vila Velha é um lugar assim. Desde a sua inauguração em 1964, há 55 anos, desde antes da inauguração do primeiro prédio, quando era o sonho de um grupo de artistas que viria a formar o Teatro dos Novos. O lar que é hoje o Vila Velha já existia nos corações daqueles jovens, já era um conforto e um estímulo.

E, assim, o edifício tem sido desde então, acreditamos, esse abraço de proteger sem reter as gerações de artistas na Bahia.”

A Sr.^a Ananda Brasileiro: (Lê) “Mas há também pessoas que são um lar, Márcio Meireles é uma delas. O diretor artístico que ajudou a reestabelecer a alma e o corpo do prédio, ainda nos anos 90 do século passado. Um encenador de estética particularíssima e por isso mesmo universal, constantemente contribuindo para a evolução da linguagem teatral no País. Nosso mestre parceiro e suas estratégias de encontro e colaboração, como na criação da Universidade Livre e da gestão participativa do teatro. O Vila e Márcio, há décadas, são um lar dentro de um lar que habitamos”. (Palmas)

A Sr.^a Carolina Lira: (Lê) “*Um encenador sempre está no palco exposto*

*no outro no ator no movimento no som na disposição espacial
nas opções nas decisões tomadas a respeito das contribuições de outros
no diálogo c o autor da obra original a peça o romance a ideia o tema
qdo n é ele próprio o autor
e mais ainda qdo o autor é ele próprio”*

A Sr.^a Fernanda Silva: (Lê) *“um encenador trabalha o tempo todo c o ator e seu segredo*

*sua arte secreta de desvendar o invisível
um encenador trabalha para ajudar o ator em seu trabalho
exaustivo de ser mais do q ele próprio ser ele inteiro
ser ele público coletivo
se transfigurar”*

A Sr.^a Clara Torres: (Lê) *“um encenador ajuda o ator nesse seu trabalho silencioso e solitário*

*seu difícil trabalho de descer às entranhas de si mesmo p sair de si
e sendo ele mesmo descobrir todos os outros q ele pode ser
porque já estão ali
mas para isso é preciso levantar a máscara cotidiana
a máscara q tanto nos agrada usar p mostrar o q pretendemos ser
essa máscara q nos ajuda a suportar o olhar estranho
q tenta nos despir a alma...”*

A Sr.^a Clara Romariz: (Lê) *“(...) cabe ao ator ser despudorado e exibir esta alma ou o q está dentro dela*

*quer dizer em sua história em sua memória
em sua visão de mundo e no q ela lhe dá como possibilidade de verdade
cabe ao encenador servir como espelho para o ator
e mostrar sua fragilidade e possibilidades
e força e ciladas q monta p si mesmo
ajudar a conhecer as minas colocadas pela história pessoal em seu corpo
para poder explodi-las qdo preciso sem risco de ser destruído”*

(Procede-se à apresentação artística.) (Palmas)

A Sr.^a PRESIDENTA (Neusa Lula Cadore): Acabamos de assistir à performance com a atriz Loiá Fernandes. (Palmas)

E compartilhando aqui a iniciativa desta sessão, eu devolvo a palavra ao deputado Marcelino Galo para continuar a presidir este ato.

O Sr. PRESIDENTE (Marcelino Galo Lula): Só Márcio mesmo para fazer uma sessão dessa. (Palmas)

Bom, gostaria de registrar a presença da deputada Olívia Santana (palmas); do ex-secretário de Cultura do estado, nosso querido Albino Rubim (palmas); Pan Batista,

presidente do Conselho Estadual de Cultura da Bahia (palmas); Pedro Arcanjo, meu companheiro do movimento estudantil, que hoje é diretor do Museu de Arte da Bahia (palmas); Ricardo Castro, diretor-geral dos Neojiba (palmas); deputada Fátima Nunes; ex-deputado Emiliano José; nosso companheiro Flávio Gonçalves, diretor-geral do Irdeb, que vem fazendo uma revolução na *TVE* e na Rádio Educadora; Isabel Gouveia, coordenadora da Cipó Comunicação Interativa; nosso companheiro querido também Pola Ribeiro, muito obrigado Pola; o ex-deputado Bira Corôa; e, aqui, também a presença especial da nossa cônsul de Cuba, cônsul-geral para o Nordeste, Milena Caridad. Viva Fidel! Rose Lima, diretora do Teatro Castro Alves. Muito obrigado.

O Sr. PRESIDENTE (Marcelino Galo Lula): Agora ouviremos aqui as palavras da nossa queridíssima Chica Carelli.

A Sr.^a CHICA CARELLI: Está difícil depois de tanta coisa linda. Mas eu não poderia deixar de homenagear você, Márcio. Você que é meu amigo, companheiro de teatro há 39 anos, por quem a minha admiração nunca diminuiu, pela sua capacidade de se renovar, de renovar os espaços em sua volta e, por isso, eu estou aqui.

Eu escolhi um texto daquele ator e diretor Louis Jouvet, que eu gosto, você sabe, que fala um pouco sobre teatro.

(Lê) “O teatro devolve aos homens a ternura humana, essa ternura que liga como uma imensa família através de gerações o público de Ésquilo, de Sófocles, de Eurípedes, ao de Lope de Vega, de Calderón, de Shakespeare ao de nossos autores contemporâneos. Não é pelo confronto ou pelo combate que o teatro se organiza. O teatro não vive de exclusão, de dominação, de reivindicações, da supremacia que os debates econômicos e militares suscitam, mantém e tentam justificar. A arte dramática de uma nação não se opõe à arte dramática da nação vizinha, ela não exige para poder prosperar desqualificar, limitar, aniquilar. No momento onde, entre nações, se abrem discussões e disputas fecundas em antagonismos e desentendimentos, precisamos definir o uso e o futuro do teatro, precisamos propagar e desenvolver a arte dramática. Desejamos que a arte dramática não possa nunca ser considerada como instrumento de propaganda, um comércio ou um tráfico; desejamos que a educação dê justo título ao teatro, à arte dramática, para que ele permaneça sendo o que ele sempre foi: uma oferta, uma troca de amizade e amor entre os homens. É na sua independência, na sua universalidade que deve estar o ponto de partida das nossas preocupações.”

Que os deuses do teatro o protejam, Márcio Meirelles, a você e ao Teatro Vila Velha, espaço de liberdade e de comunhão humana.

Obrigada. (Palmas)

(Não foi revisto pela oradora.)

O Sr. PRESIDENTE (Marcelino Galo Lula): Quero agradecer a Chica Carelli. Muito obrigado.

Agora, concedemos aqui, eu e a deputada Neusa, a Cristina Castro, representando a família; a família somos todos nós. (Palmas)

A Sr.^a CRISTINA CASTRO: Antes da minha fala, eu gostaria de chamar aqui Pedro Meirelles, filho de Márcio. (Palmas)

O Sr. Pedro Meirelles: Bom dia a todos e a todas. Saúdo a Mesa, deputada Neusa, deputado Marcelino, muito grato pela honraria concedida a meu pai no dia de hoje, e saúdo todos os meus colegas da Universidade Federal da Bahia, professores, pesquisadores, cientistas, também a todos os artistas que estão aqui.

Hoje, essa honraria é concedida a meu pai por, principalmente, um motivo: por sonhos, pela capacidade de Márcio Meirelles sonhar, acreditar nos sonhos e trazer pessoas que sejam capazes de realizá-los junto com ele. Então, esse é um grande exemplo para nós, para mim e para meu irmão João, de inspiração, de como conduzir a vida. Então, como pai, acho que essa é uma grande contribuição, e ele vem ensinando isso a todos que estão com ele.

Então, eu também dirijo a palavra aos jovens que aqui já se apresentaram, aos estudantes, aos professores, que continuem sonhando, que sonhem grande, que sonhem maior do que vocês acham que podem sonhar, porque a gente consegue.

Então, meu pai, receba essa comenda recebendo saúde, recebendo força para continuar a fazer o que você pode fazer. (Palmas)

A Sr.^a CRISTINA CASTRO: (Lê) “Bom dia a todos. Com certeza este é um dia especial. Estou muito feliz e grata pela homenagem da Assembleia Legislativa da Bahia, proposta pela deputada Neusa Cadore e pelo deputado Marcelino Galo, para este que é um dos maiores artistas da Bahia e um gestor cultural de coragem e determinação.

Como companheira de vida, vejo este momento como reconhecimento ao que você, Márcio Meirelles, usa como base para a construção do seu trabalho: inteligência, generosidade, justiça e ética. Elementos tão preciosos, raros e vitais para o mundo.

Para mim, falar de você é, antes de tudo, é falar de amor e de respeito. E também de atitude, posicionamento, escolhas, de caos criativo e ideias geniais a serviço do diálogo, da troca, do outro.

Sua direção em espetáculos de teatro, dança, shows musicais, prêmios, exposições, vídeos, e tantas outras invenções com tantos artistas, grupos, coletivos daqui da Bahia, do Brasil e de fora refletem sua grandeza. Porque são mesmo grandes e poderosos, não passam sem uma reflexão seja ela qual for.

Você provoca, e sua provocação está ligada às muitas causas e questões humanas que ainda precisam ser ditas e ouvidas e refletidas e que te inquietam enquanto ser humano.

É bonito ver a sua assinatura em tudo isso. Como também com a mesma intensidade quando junta todos, abrindo espaço para o trabalho coletivo, e quando aposta em novos atores, criando caminhos para que voem e sejam grandes artistas pelo mundo afora. Vi isso em toda sua trajetória no Teatro Vila Velha e agora mais intensamente com a criação da Universidade Livre de Teatro, projeto ambicioso de formar artistas em um país onde a cultura e a educação ainda lutam para serem

valorizadas e não são vistas como deviam ser enquanto política estratégica para o desenvolvimento social.

Obrigada por me ensinar tanto e pela generosidade de dividir isso com tanta gente. Como toda caminhada, esta que dividimos também teve seus momentos difíceis, mas mesmo nestes reconheço e tenho muito orgulho de todas as suas conquistas. Na Secretaria de Cultura, você teve capacidade de escolher, formar e fazer parte de uma equipe competente que realizou um belíssimo trabalho de planejamento e implementação de projetos ricos em desdobramentos, dos quais colhemos frutos até hoje.

Você é um homem em construção contínua: inquieto, instigante, que se move para muitos lados partindo sempre do interior, do movimento que começa por dentro, o desejo. Um homem de desafios, de vontade de transgredir, romper fronteiras, mudar com emoção e verdade.

A vida com você é, sem sombra de dúvidas, caminhar de mãos dadas nos mais diversos terrenos, sejam eles bons ou ruins; sonhar e viajar em foguetes imaginários; aprender, resistir, abraçar causas e seguir firme sem medo de ser feliz.

Parabéns sempre! (Palmas)

Aqui sirvo também de canal para nossos outros amores: Pedro, Helena, Maitê, Guido, João, Lia., Mila, Sérgio, Acy, Ady, Maria Eugenia, Joel, Nenga, Antônio José, Alice, Patrick, Patriquinho, Liz, Bia e toda a nossa família.

Queremos dizer que estamos muito felizes pelas suas conquistas, como sempre estivemos.

Estamos juntos, e ninguém larga a mão de ninguém.”

(Não foi revisto pelos oradores.)

O Sr. PRESIDENTE (Marcelino Galo Lula): Obrigado, Cristina.

Registrar também a presença da nossa queridíssima Lia Robatto, também comendadora, coreógrafa, fundadora da escola de dança da Funceb.

E agora vamos também agradecer à vida, vendo, aqui, a apresentação do canto Graças a La Vida, interpretado por Ane Cardoso e Miguel Campelo.

(Procede-se à apresentação musical.)

O Sr. PRESIDENTE (Marcelino Galo Lula): Vamos assistir ao vídeo sobre a vida do já quase comendador.

(Procede-se à apresentação de vídeo.)

O Sr. PRESIDENTE (Marcelino Galo Lula): É agora o momento da entrega. Neste momento, convidamos a esposa Cristina Castro, os filhos Pedro e Camila e a nora Helena para, em nome do Poder Legislativo, fazermos a entrega da Comenda Dois de Julho ao ex-secretário de Cultura do Estado da Bahia, diretor teatral, cenógrafo e figurinista, Márcio Meirelles. (Palmas)

(Procede-se à entrega da homenagem.) (Palmas)

Agora, também, vamos entregar, em nosso nome, eu e a deputada Neusa Cadore, um presente oriundo da agricultura familiar, de produtos orgânicos e agroecológicos. (Palmas)

(Os Srs. Deputados Marcelino Galo Lula e Neusa Lula Cadore fazem a entrega dos produtos ao homenageado.) (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Marcelino Galo Lula): Temos a satisfação de passar a palavra, agora, ao comendador Márcio Meirelles. (Palmas)

O Sr. MÁRCIO MEIRELLES: É muita coisa!

Primeiro, eu quero saudar e pedir licença aos mais antigos, aos muito antigos, a todos os povos indígenas que estão sofrendo tanto neste momento, neste país (o orador se emociona), e aos mais antigos que não podem estar aqui porque já passaram deste tempo, este tempo em que a gente ainda vive, (palmas) e que eu tenho me lembrado muito nesses dias, porque foram, de alguma forma, quem criaram este momento para mim: minha avó Alice, meu avô Arnóbio, meu pai Virgílio, e quatro mestras que eu tive, quatro mulheres negras que, de alguma forma, me moldaram, me ajudaram a ser quem eu sou: Dilú, Candolina Rosa, Makota Valdina e Luiza Bairros. Eu sei que eles estão aqui, mas não estão neste tempo.

Eu estou muito feliz por essa comenda ter sido proposta por Neusa Cadore e por Marcelino Galo, porque são duas pessoas, dois políticos que fazem a grande política, são duas pessoas que eu respeito porque são íntegras, porque têm uma trajetória reta, clara, escura.

Neusa falou que a gente se conheceu quando eu era secretário, e eu conheci Neusa, profundamente, quando estive em Pintadas, e vi todo o trabalho feito por ela a partir da agricultura familiar daquela comunidade. Aquela cidade é incrível. Aquele é um lugar que passou a ser um lugar referência para mim. E isso claro que nada é feito sozinho, mas ela tinha uma mão segura ali.

E Marcelino também é um cara que está do lado da cultura, está do lado da arte. Ele nunca nega a sua presença e sua voz para nos ajudar, para nos acompanhar, para estar do nosso lado.

Então, assim, é muito bom para mim que tenham sido essas duas pessoas que propuseram essa comenda. Outros também poderiam ser e eu estaria também feliz. Mas foram eles dois, e eu agradeço por terem sido vocês (palmas) e pela Assembleia ter acatado a proposição. Isso significa que, como disse o Zé Celso, a Bahia, através da sua representação aqui, nesta Casa, concede uma comenda, concede um reconhecimento à arte, a um artista.

Não importa que seja eu, também poderia ser outro aqui, outros anormais como eu, mas fui eu. E eu me sinto aqui todos, eu me sinto muitos. Eu não consigo me sentir só. Eu não consigo entender que é para mim isso aqui, porque é tanta gente que trabalhou para esse momento acontecer.

Eu entendo também que sou eu muito por causa da minha trajetória política, de gestor público, de gestor da Secretaria de Cultura, o que também torna essa verdade quase que absoluta. Não era só eu, era um coletivo, era uma equipe incrível trabalhando

junto, como Cristina falou. E isso foi porque eu recusei, inicialmente, o convite do governador para assumir a pasta, por muitas coisas: pelo teatro, por tudo, e também porque eu iria ficar 4 anos sem poder usar sandália havaiana. (Risos) Então, isso pesava muito.

Mas, aí, ele me ligou, como Marcelino falou, e me disse isso: “Eu quero que você faça em escala de Bahia o que você fez no Teatro Vila Velha.” Então, eu entendi o que era que ele queria. Eu entendia porque nós, do Teatro Vila Velha, desde antes de mim, temos uma política cultural, uma política pública, nós fazemos uma micropolítica. E, então, entendemos como é que isso pode se transformar numa política de estado. E foi o que eu e minha equipe, e tenho vários aqui: Neuza, Lúcia, Ângela, Bola, Rose, Carlos e Marcos e você... estou velho.

E foi possível a gente fazer o que fez, foi possível a gente avançar, foi possível a gente criar, propor um sistema de política cultural para a Bahia porque nós funcionávamos como um sistema. E foi possível essa equipe porque o governador, e por isso eu aceitei, me deu carta branca para montar a minha equipe. Ele falou: “Você faz o seu time, monta o seu time.” Então, todos os erros e acertos eu assumo a culpa de ter montado esse time, de ter sido o treinador desse time, mas quem jogou foram eles, quem fez o gol foram eles.

Vejo, por um lado, o quanto é forte o que a gente fez, porque, Monique, tem muitos frutos, muitas sementes, muitas coisas que vão surgindo e vão mostrando, Lúcia também, como isso foi, efetivamente, uma política pública, uma política de estado, mas, às vezes, política de governo, infelizmente. A política de estado, Albino continuou, que foi a aprovação por vocês daqui, da Assembleia, da Lei Orgânica da Cultura, mas que foi montada durante 4 anos com uma mobilização de mais 100 mil pessoas no estado da Bahia.

Então, realmente foi uma política pública construída pela sociedade baiana, dos mais diversos setores, dos mais diversos territórios. Eu me orgulho muito de ter entregado a Albino a Lei Orgânica para seguir em frente, e agradeço a Albino por ter seguido em frente em muitas coisas e avançado em muitos lugares que a gente não conseguiu avançar, porque 4 anos é muito pouco.

Mas eu não queria mais do que 4 anos. Quando Wagner me perguntou se eu queria continuar, eu falei que não. Ele me olhou assim, eu falei: “Não, eu vou voltar para o teatro, que é meu lugar.” E eu não quero voltar com 60 anos, 8 anos depois, para retomar do zero, porque não quero ser sequer síndico de condomínio, nem vereador, nem deputado, não quero isso. Eu sou teatro, eu sou um cara de teatro e a minha política está aqui.

E quando Gil falou isso, e eu entendi, entendi que o papel do gestor, o papel nosso, de pessoas políticas que tocam políticas públicas, é exatamente o que nós, artistas, fazemos no dia a dia. É transformar um discurso em ação para que essa ação transforme o mundo, para que essa ação possa ser uma alavanca de desenvolvimento. É isso que o artista faz, é transformar discurso em ação para que o público transforme o mundo. Nós, gestores, nós, artistas, sozinhos não podemos fazer nada se o público, se a sociedade não entender e não for em frente.

E como artista sempre foi isso minha arma, além dessas: é a busca da justiça. Eu sou de Xangô e eu tenho isso em mim, na minha cabeça, eu não posso fazer nada. Então, a injustiça é uma coisa que me incomoda, que me dói, que me persegue. Então, eu tenho que trabalhar para que isso se reverta em outras coisas, coisas melhores.

E isso foi o Teatro Universitário, foi o Avelãs y Avestruz, foi o Bando de Teatro Olodum, isso foi o Teatro Vila Velha, isso foi a Universidade Livre do Teatro Vila Velha. É uma tentativa de reverter ou, pelo menos, contrapor com beleza esses momentos tão difíceis que a gente vem atravessando. E estar do lado de quem também tá lutando, os povos indígenas, os povos pretos, os povos LGBTs, os povos, todos nós, todos nós, e vencer o que tem em todos nós também, o racismo, o machismo, a homofobia, a LGBTfobia e tudo mais, porque nós somos construídos há mais de 2 mil anos para sermos assim.

Então, a gente precisa, primeiro, reconhecer quem somos e depois começar a trabalhar para deixar de ser, deixar de ser já é uma grande luta, e lutar para que os outros também reconheçam isso e lutem contra essa construção, que não é natural, que não é orgânica, que não é da humanidade, mas é de uma série de construções, e de ocupações, e de invasões, e de colonizações. Precisa ser desfeita.

Então, o trabalho do teatro é o de fazer isso, fazendo perguntas, pelo menos, porque nós não temos solução, a solução está na humanidade. E a humanidade, como diz Jó na peça de Matéi Visniec: “o ser humano é o único que sabe o que é poesia”. Então, a gente tem que acreditar.

Quando Matéi me deu essa peça para eu fazer... é um monólogo. Eu não sou ator, eu não tenho essa capacidade de explodir, de sair de mim estando em mim, eu não tenho essa capacidade. Enfim, eu ainda sou prisioneiro de mim. E os atores são incríveis, e as atrizes também, às vezes mais, porque as atrizes sabem, como mulher, como é que se processa em seu próprio corpo a gestação de uma nova vida, que pode ser diferente das outras todas, que será diferente das outras todas, e é o que as atrizes fazem, o que uma mulher faz, e os atores também.

E eles precisam aprender a ser mulher, e não é fácil, como não é fácil aprender a ser negro, como não é fácil aprender a ser índio. E a gente precisa aprender a ser tudo isso, a gente precisa aprender a, pelo menos, entender que há o outro. E nessa luta atual de identidades, de afirmação de identidades, nós corremos o risco seríssimo de perder a noção da autoridade. Se a gente não entender que nós vivemos porque o outro existe, se a gente só afirmar que nós existimos porque somos e não entendemos que nós existimos porque os outros todos são também e precisam o seu lugar de ser a gente vai viver isso que a gente está vivendo: uma sociedade de ódio, uma sociedade que luta por um cristianismo que eu não reconheço.

Eu não reconheço Cristo nesse cristianismo em que o estado laico brasileiro quer se transformar. Cristo não está ali, Cristo está muito mais no candomblé do que ali. Aquele Evangelho é o Evangelho contra o qual Cristo lutou, contra o qual Cristo lutou. É o Evangelho do apedrejamento da mulher adúltera, é o Evangelho do comércio da fé, é o Evangelho da tortura e da morte de quem se opõe a esse estado de coisas.

Então, esse Evangelho é um absurdo, é uma loucura.

A gente está numa Casa como esta que representa o povo. Isso aí é um absurdo! (Palmas) Toda vez que eu venho aqui, eu enlouqueço, eu soffro.

Mas tem isso aqui, que foi feito por um artista. Se vocês observarem, esse barco cheio de políticos, cheio da elite baiana política, econômica e artística é conduzido pela Mulher de Roxo, por uma louca. É nesse barco que nós estamos!

Então, isso me dá uma certa, vamos dizer, serenidade de entender que é isso, estamos nesse barco conduzido pela Mulher de Roxo. E a gente precisa reverter isso, a gente precisa tomar esse leme, a gente precisa entregar esse leme a alguém que... ou talvez ela mesma, ela sabe por onde leva.

Bom, é isso. Eu só queria dizer para os meninos do *Black Dance* que outro dia eu estive numa escola em Castelo Branco, falar sobre *Ó pai ó* para uma geração, para uma galera com a idade mais ou menos a de vocês, e me deu esperança de novo. A esperança é porque essa geração com 17 anos, 18 anos, é uma geração que foi formada num país que tinha um outro projeto, era um projeto de país que formou essa geração de vocês. E essa geração de vocês é inquebrantável, a atitude de vocês diante da vida, diante das coisas, diante das injustiças é séria. É uma luta de verdade.

Acontece que do outro lado da cidade tem uma geração que cresceu nesse mesmo projeto político com ódio desse projeto, porque daria condições a vocês iguais de luta ou, pelo menos, condições, não iguais, porque não serão iguais, mas condições de luta. E é preciso que a gente desmonte esse ódio. Tudo o que a gente precisa agora é desmontar o ódio e construir alguma outra coisa, que não é o amor, é só organização desse caos. O plano proposto, o projeto de país é desestruturar o país inteiro, é botar uns contra os outros, é fomentar o ódio, é estabelecer o caos.

O.K., vamos lá. Daqui a 20 anos de caos estabelecido talvez Eros, o amor, consiga reorganizar tudo e a gente ter uma sociedade mais justa, mas vai ser muito sofrimento. E eu não quero que Maitê e Guido, pelo menos, representando todas as outras crianças daquela geração que estava ali, que é a mais ameaçada, vivam tudo isso, porque vocês estão imunes, mas eles não.

Aquela garotada, aqueles garotinhos que estavam ali, eles são as principais vítimas, os principais alvos desse projeto de país para serem catequizados, para serem robotizados, para serem manipulados, para serem injustos com o outro. Então, ajudem, vocês dessa geração, aos menores. Ajudem, deem a mão a eles e conduzam por outro caminho. Salvem eles, salvem o país.

Obrigado. (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Marcelino Galo Lula): Viva o comendador Márcio Meirelles!

Convido todos os presentes para a gente acompanhar a execução do Hino da Bahia, com a Orquestra Juventude Parqueana. (Palmas)

(Procede-se à execução do Hino da Bahia.)

O Sr. PRESIDENTE (Marcelino Galo Lula): Em nome da deputada Neusa Cadore, em meu nome, em nome da Assembleia Legislativa do Estado da Bahia, agradeço a presença de todos, das autoridades civis, amigos e familiares do homenageado, das senhoras e senhores deputados, declaro encerrada a presente sessão.

Departamento de Taquigrafia / Departamento de Atos Oficiais.

Informamos que as Sessões Plenárias se encontram na internet no endereço <http://www.al.ba.gov.br/atividade-legislativa/sessoes-plenarias>. Acesse e leia-as na íntegra.